

Na elaboração deste editorial, mais uma vez — e desta vez movidos inclusive pelo projeto da Clínica — re-conhecemos o nosso movimento enquanto instituição. A emergência deste projeto, a partir do trabalho de um grupo de membros do Departamento, é possível quando não se tem instâncias pre-estabelecidas que, a partir de um lugar fixo, pudessem determinar o devir institucional.

A instituição do novo é possível quando o que lhe confere legitimidade é o trabalho e o debate, que vão abrindo caminhos para sua expressão e viabilização.

Temos tentado não cristalizar figuras imaginárias como fonte da *Verdade* e da *Virtude*. Para isso, é necessário um constante esforço, a fim de apreender os movimentos que em cada um de nós tenderiam a produzir este efeito, num alerta em

relação a qualquer manipulação transferencial nas diversas instâncias em que nos estruturamos.

O risco mais insidioso da atividade psicanalítica, sabemos-lo todos, consiste na captura numa auto-imagem de onipotência. A finalidade das instituições psicanalíticas — análise pessoal, supervisão, organização em associações — seria auxiliar o psicanalista a não se deixar prender neste lugar.

Um jeito de funcionar como o que insistentemente temos buscado pôr em prática ao longo de nossa história tende a criar o hábito de nos vermos questionados e criticados, uma circunstância impensável para quem deseja um cotidiano democrático.

Cada novo número da revista traz consigo esta circunstância, na medida em que veicula e revitaliza nossos propósitos.